

**ATA DA 9ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO GESTOR DO PARQUE DA ACLIMAÇÃO
(Biênio 2023/2025)**

Local: Refeitório da administração, rua Muniz de Souza, 1119

Data: 24/03/2024

Horário: 9h-10h30

Relação dos conselheiros presentes: 1. Armando Guerra Júnior (Juca), Gestor, Representante da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA); 2. Neiva Maria de Paula, Representante da Subprefeitura da Sé; 3. Rodrigo Gutierrez, Conselheiro Titular, Representante dos Trabalhadores; 4. Ana Cláudia Cavalcante Gomes, Conselheira Titular, Representante da Associação de Preservação do Cambuci e Vila Deodoro; 5. Cláudia Santana Martins, Conselheira Titular, Representante dos Freqüentadores; 6. Maria Rosa Lombardi, Conselheira Titular, Representante dos Freqüentadores; 7. Paulo Fasanella, Conselheiro Titular, Representante dos Freqüentadores; 8. Rosângela Zanon Monteiro, Conselheira Titular, Representante dos Freqüentadores; 9. José Maurício dos Santos Moura, Conselheiro Suplente, Representante dos Freqüentadores.

Relação dos conselheiros com ausências justificadas: Nicole de Souza Santos, Representante do DPH; Fábio Lúcio Sanchez, Conselheiro Titular, Representante dos Freqüentadores.

Pauta:

1. Informes do Parque e do Conselho

A secretária Cláudia Martins explica que Willy Montmann, gestor do Estádio Municipal Jack Marin, foi escolhido pela Secretaria de Esportes como representante em nosso Conselho, mas ainda não assinou o Termo de Posse. Sendo assim, seu nome, que está na lista de presença, não será considerado para o quórum, nem ele será considerado ausente, porque ainda não é, oficialmente, representante no Conselho antes de assinar o Termo de Posse.

Cláudia prossegue dizendo que enviou várias perguntas ao Vinicius de Almeida, coordenador da Divisão de Gestão de Parques Urbanos (DGPU), e vai relatar as respostas nos respectivos pontos de pauta. Na parte de informes, irá relatar aquelas questões que não se encaixam em nenhum dos outros pontos definidos na pauta. Inicia, então, a leitura das respostas:

I. Algo foi visto/decidido sobre o reparo dos filtros dos bebedouros? E das telhas do prédio da administração?

Resposta: Já encomendamos os filtros novos. Vamos retirar na semana que vem, na segunda ou terça-feira. Sobre o telhado da administração: a parte ruim é que as calhas estão podres. A parte boa é que já conseguimos calhas novas. Já estão com a nossa equipe de manutenção. Só que eles disseram que, para mexer em telhado, precisa esperar a estiagem. Quando chegar a estiagem, eles trocam as calhas e o que tiver de telha quebrada já vai ser trocado também. Aí a gente aproveita e passa uma demão de tinta na parte interna da administração. Então esse ponto vai ser resolvido. Além disso, já temos também o madeiramento para o reparo dos brinquedos dos parquinhos e já trocamos alguns disjuntores.

II. Sobre a situação do terreno invadido na rua Pedra Azul, você ficou de nos enviar o número do processo. Recebemos na última reunião do Conselho a informação de que o processo já foi concluído há tempos. Creio que o Conselho merece ser informado da real situação do terreno.

R: Isso deve ter ocorrido antes da minha gestão na Secretaria, não tenho informações sobre isso. Há muitos casos de invasões de parques em toda a cidade. Em alguns casos o parque todo está invadido; áreas muito grandes. A maioria dos casos são muito antigos e trabalhosos. A Secretaria do Verde e do Meio Ambiente (SVMA) tem feito muitas ações, muitas áreas foram recuperadas, mas é tudo muito lento.

O conselheiro Paulo comenta que já estamos pedindo isso há tempos e que a SVMA precisa demonstrar para nós de forma mais concreta o que está acontecendo, porque essa invasão já acontece há cerca de trinta anos.

A conselheira Maria Rosa pergunta sobre a situação do terreno que era ocupado pela CET. A secretária opina que sobre isso o Vinicius parece estar menos informado do que o Juca, porque essas decisões estão sendo tomadas em nível hierárquico mais elevado. Não passa pela DGPU.

Paulo indaga se não podemos fazer um Requerimento solicitando informações sobre a situação do(s) processo(s) referentes ao terreno invadido da rua Pedra Azul, 200. A secretária responde que podemos, sim, enviar um Requerimento de Informação à SVMA, e pergunta se todos estão de acordo. A proposta é aceita unanimemente.

A conselheira Ana Cláudia comenta que no ano passado viu uma reportagem na TV no Sp2 falando de um parque onde havia uma invasão e que os invasores foram retirados. Não se lembra de que parque era. Propõe que pesquisemos na Internet para saber mais dados sobre como isso foi feito. Ana Cláudia e Paulo se encarregam de fazer a pesquisa.

III. Sobre a ampliação do curso de prevenção de incêndios para funcionários do Parque?

Resposta: Agora em todo contrato novo de parque eu estou colocando brigada de incêndio, principalmente em parques com histórico de incêndio. Há vários parques na periferia que têm problemas recorrentes, então eu vou ter que dar capacitação para muito vigilante agora em abril, maio, além da reciclagem anual que os naturais fazem. Aí, além desses cursos, a prioridade vai ser os parques que vão receber os brigadistas, mas, além disso, terá alguns cursos voltados mais para a sociedade civil. Mas eu vou pedir reserva de vagas para vigilantes e funcionários do Aclimação. Ficou definido assim; fizemos reunião essa semana da coordenação do Programa Fogo Zero e eu levei essa pauta.

A conselheira Rosângela menciona uma reunião do Conselho Participativo Municipal da Sé para ver a questão da Praça General Polidoro. Havia um representante da Subprefeitura da Sé, o Arruda. Antes de começar a reunião, Rosângela comentou com ele sobre os vários problemas que estão acontecendo no Parque da Aclimação; sobre o problema da necessidade de reforma na administração, a falta de uma sala adequada para o gestor, a falta de impressora, a falta de funcionários e sobre a questão dos caramujos.

O conselheiro José Maurício indaga se há algum informe sobre a invasão em um espaço embaixo das escadarias da Praça Jorge Cury. A secretária diz que quem cuida disso é a subprefeitura. Ana Cláudia diz que quem sabe disso é o Roberto (Casseb, do Jornal do Cambuci & Aclimação).

2. Questões relativas aos cuidados dos gatos no Parque

A secretária introduz a questão dizendo que, em sua opinião, os gatos domésticos, idealmente, não deveriam viver no Parque. Não é bom para o parque; não é bom para os animais silvestres, porque os gatos são predadores (não todos, nem em todas as circunstâncias, mas alguns gatos, em algumas circunstâncias, agem como predadores); nem para os gatos, porque não têm proteção contra a chuva

nem o atendimento que um dono pode dar. No entanto, prossegue Cláudia, os gatos estão aqui, e alguns há muitos anos. Formaram colônias e a maioria não têm mais condições de viver em ambiente doméstico. E a prefeitura não oferece uma solução para esse problema. O que se pode fazer, então, é tentar minimizar o problema. Mitigar. Para isso, propõe a aprovação de alguns pressupostos a respeito dos cuidados dos gatos no Parque:

I. Objetivo precisa ser diminuir o número de gatos no parque. Castração dos que já estão no Parque, prevenção ao abandono (preparar os seguranças para ajudarem nessa prevenção) e encaminhamento para adoção, na medida do possível, principalmente dos recém-chegados;

II. Vacinação dos gatos em dia;

III. Cadastramento e controle do número de gatos que moram no parque;

IV. Cadastramento dos responsáveis pelo cuidado dos gatos;

V. Alimentação em pontos específicos e longe dos parquinhos infantis;

VI. Alimentação em horários determinados e que não entrem em conflito com os horários do Parque.

Sobre o item V, a secretária acrescenta que, ao ler a Carta da APROGATO enviada à SVMA, que foi distribuída a todos os conselheiros, considerou que os pontos de alimentação 8, 9 e 10, constantes do mapa fornecido, são muito próximos ao Recanto do Saci, e os pontos 16 e 17 são muito próximos ao parquinho que fica perto do P5 (Portão das ruas Robertson/Aporá). Cláudia admite que não é fácil parar de alimentar em determinado ponto, mas acredita que a APROGATO deveria fazer um esforço para ir eliminando ou deslocando esses pontos.

O conselheiro Paulo diz que tudo o que a secretária falou está em concordância com as preocupações da APROGATO, mas algumas coisas que foram colocadas não são modificadas com facilidade. Para mudar um ponto, é necessário um consenso entre todos os que alimentam. A Carta da APROGATO foi enviada à SVMA porque a APROGATO não tem poder de fiscalização. Então, se pessoas que não são da APROGATO, mas se dizem também protetoras, mudam os locais de alimentação ou qualquer coisa do funcionamento, a APROGATO não tem como controlar isso. Mudar uma colônia de lugar é algo que requer o consenso entre todos os protetores. Enquanto se continua a alimentar o gato em determinado local, ele se estabelece cada vez mais ali. As colônias às vezes mudam sozinhas. É preciso um trabalho constante para mudar um ponto, mas isso é algo que demora e requer consenso. Desde o início a APROGATO afirmou que não quer gato perto de parquinho. Infelizmente hoje em dia os gatos estão predominantemente no Recanto do Saci; não por culpa da APROGATO, mas de outras pessoas que alimentam os gatos ali. Assim que a SVMA validar o documento enviado pela APROGATO, declara Paulo, a APROGATO irá trabalhar para diminuir aqueles pontos próximos aos parquinhos infantis e afastar os gatos de lá. Diz que concorda que os gatos não deveriam estar em parques, mas que isso acontece em todo o Brasil. Garante que não há, atualmente, nenhum gato não castrado no Parque. É uma população mais idosa, que deve diminuir aos poucos. Concorda que os gatos que estão no Parque são de difícil adoção, porque estão acostumados à vida livre.

O conselheiro José Maurício comenta que o gato é um animal territorial.

O gestor Juca diz que todos os itens listados pela secretária a APROGATO já faz. Os outros cuidadores é que não obedecem.

Sobre as casinhas, a secretária explica que deixou de fora dos itens listados porque a SVMA já foi instada a decidir sobre isso. Pessoalmente, declara que não gosta de casinhas e menos ainda de paninhos dentro delas, que lhe parecem anti-higiênicos, mas a decisão deve ser tomada pelos especialistas.

Paulo opina que, na casa da gente, podemos lavar o paninho, mas num parque do tamanho do nosso, com 60 ou 70 casinhas, se colocarem um paninho em cada casinha é inviável trocar o paninho a cada chuva. Esse paninho molhado pode provocar doença no gato, e é muito difícil capturar um gato doente no parque para levar a um veterinário ou à casa de alguém. O gato não fica no veterinário nem em casa. Paulo relata que a APROGATO consultou um veterinário sobre o uso do paninho e este afirmou que não era indicado. No entanto, uma cuidadora que não é da APROGATO e estava presente na recente reunião com a SVMA sobre os gatos questionou até o laudo do veterinário. Paulo acredita, no entanto, que, com a resposta da SVMA, seja possível demarcar os pontos como eram antigamente para poder diminuí-los depois. Acrescenta que casinha aparente é péssimo, porque incita o abandono de gatos. Finaliza dizendo que a APROGATO deseja é que as regras que forem determinadas sejam obedecidas.

José Maurício comenta sobre a população que deixa comida para os gatos do lado de fora do Parque. Paulo diz que isso foi citado na Carta, assim como os frequentadores que colocam comida para os gatos em lugares inadequados.

A secretária propõe, como encaminhamento, a adoção dos seis pontos listados por ela, deixando espaço para o Conselho reabrir a discussão conforme a decisão da SVMA a respeito da carta da APROGATO. O encaminhamento é aprovado por todos os presentes.

3. Questões referentes ao lago

A secretária lê as perguntas feitas ao Vinicius referentes a esse ponto e suas respostas:

I. Quando o primeiro aerador será instalado? Sobre a ilha flutuante que estacionou na entrada do Jurubatuba: vai ser amarrada ali mesmo? Não é perigoso manter a entrada bloqueada? Teremos chuvas em breve, e os bambus que foram colocados para segurar a ilha podem não resistir.

Resposta: Vieram três aeradores; estavam desmontados, a gente montou o primeiro. Já fizemos reunião com a SABESP, que liberou definitivamente para a gente ligar a energia. Só que o painel elétrico precisa reformar. A gente está com os materiais para reformar aí nas próximas semanas, por causa das formigas que estão lá.

Sobre os bambus, uma questão era a amarração da ilha; a segunda era profundidade. Recebi hoje o mapa de profundidade que a Potenza fez do lago. Eu falei, literalmente, peguem um bambu e dê uma medida, só para a gente ter uma ideia da profundidade, e chegou hoje para mim. Acho que para a próxima semana a gente já começa a tentar fazer ancoragem ou a reforma do painel elétrico para a gente ir avançando e instalar agora no mês de março. E vocês verem os avanços acontecendo.

O aerador precisa ser instalado na saída do Jurubatuba, porque é a área onde tem menos circulação de água, que é a área que compromete um pouco mais, que gera um pouco de perda de qualidade de água para o lago. Então a gente vai ter que encarar o monstro do Jurubatuba. Por isso que eu tenho três aeradores e vou primeiro testar com um só, ver se vai dar certo a nossa ancoragem [do aerador]. A gente acredita que sim. E depois, dando certo, a gente vai proceder à instalação de mais dois. Inclusive, acho que esses três aeradores ali funcionando, vão dar um ganho bom de qualidade de água pro lago.

O gestor Juca comenta que o ideal seria levar a ilha para outro lugar, mas ela é muito pesada. Então estão vendo uma maneira de mover a ilha. O medo maior é, com uma chuva muito forte, ela se deslocar até a saída do lago, do outro lado (na saída para o córrego Aclimação).

Cláudia comenta que levou para o Vinicius a opinião do sr. Haruo, de que a ilha poderia ser removida, já que os pássaros não nidificam ali, por ser uma ilha flutuante. Vinicius, contudo, não respondeu a essa questão específica.

Maria Rosa indaga que tipo de equipamento poderia ser utilizado para deslocar a ilha. O gestor responde que a ideia inicial seria colocar um motor no barco, amarrar a ilha e puxar. No entanto isso não é possível, porque a ilha é muito pesada.

A conselheira Rosângela opina que essa ilha vai acabar emendando com o solo. Muitos presentes concordam com o comentário.

Paulo diz que, com a retroescavadeira, seria possível retirar a ilha.

A secretária opina que os vários atores envolvidos (DGPU, Divisão de Fauna, Potenza, administração) deveriam conversar e tomar uma decisão conjunta.

Cláudia retoma a leitura das perguntas feitas ao Vinicius e suas respostas:

II. Reunião conjunta da SVMA, SIURB, SABESP e Subprefeitura da Sé sobre o lago. Algum avanço?

Resposta: Por conta do problema do Severo Gomes, eu fiz uma reunião com SIURB, inclusive com o próprio Pedro Algodoal, para tratar do Severo e de outros casos de parques com problemas de drenagem. Aproveitei para tocar nesse assunto, para introduzir. Ele se colocou à disposição para a gente fazer essa reunião, então de fato ainda estou devendo marcar essa reunião. Aliás, acho que vocês até se ofereceram, eu falei, não, deixa eu puxar por aqui, mas eu vou aceitar ajuda, porque está muito difícil para mim.

Paulo argumenta que eles é que deveriam marcar. Cláudia diz que combinou com o Vinicius de ele nos passar a lista de convidados e seus contatos. A secretária já havia assumido na reunião anterior o compromisso de encaminhar isso com o Vinicius.

Ainda sobre o lago, a secretária aborda a questão da formação de um grupo de Whatsapp para tratar das questões referentes ao lago. Explica que o grupo não foi formado em razão da doença da frequentadora Eliana Lucania. Esse grupo, no seu entender, tinha como principal objetivo discutir os aspectos jurídicos das questões, com o auxílio da Eliana, que é advogada e foi secretária do Conselho Gestor do Parque da Aclimação durante vários anos. Sem ela, Cláudia diz não ver muito sentido na criação do grupo.

Rosângela concorda, mas diz que a impressão que teve foi a de outros frequentadores estavam interessados em acompanhar a questão. Confessa que achou que seria redundante fazer dois grupos, mas que, sem o grupo, essas pessoas interessadas não conseguem acompanhar.

Cláudia comenta que apenas dois conselheiros manifestaram interesse em participar do grupo.

Os presentes discutem o que havia sido falado sobre se fazer um Boletim de Ocorrência na Polícia Ambiental. A secretária opina que já perdemos o *timing* para isso.

Rosângela diz que a questão é fazermos o que precisa ser feito. Se há pessoas que podem acrescentar positivamente para resolver as questões, qualquer momento é momento de se conversar e se reavaliar. Esse grupo não seria grupo do BO, e sim dos frequentadores interessados em acompanhar as questões do lago, junto conosco.

A secretária diz que, se o Paulo ou a Rosa ou mais algum conselheiro quiserem formar esse grupo, que o façam, mas que não tem condições de assumir essa tarefa além daquelas que já está executando como secretária. Diz que tem contato com todos os frequentadores que deixam o número de celular nas reuniões do Conselho e lhes envia sempre as atas, os convites para as reuniões e informes extraordinários sobre o Parque. Criar outro grupo, em sua visão, só teria sentido com a presença da Eliana, para compartilhar a documentação e as opiniões dela como advogada. Sugere que mais para a frente essa ideia do grupo para debater o lago possa ser retomada.

Dando sequência às questões referentes ao lago, a secretária pergunta ao Juca sobre o encaminhamento tirado na reunião anterior: verificar com o pessoal da manutenção como resolver o problema do alagamento do cachorródromo nos períodos de chuva.

Juca responde que foi encaminhada uma ordem de serviço pedindo para trocar o portão de lugar e fazer um muro cercando o cachorródromo. Enquanto a manutenção não vem, foi usada a retroescavadeira para fazer uma barreira natural, cercando de paralelepípedos o cachorródromo e a quadra. Limparam toda a entrada e fizeram uma canaleta para escoar a água.

A secretária menciona outro encaminhamento tirado na reunião anterior: verificar se a Subprefeitura da Sé é responsável ou poderia ajudar no conserto do ramal quebrado no bosque de eucaliptos (responsáveis: Neiva e Paulo).

A conselheira Neiva, representante da Subprefeitura da Sé, diz que conversou com o governador local, e ele falou com o pessoal de obras. Eles responderam aquilo que ela sempre diz aos demais conselheiros: dentro do Parque a Subprefeitura da Sé não tem acesso, não pode mexer. Aqui seria necessário chamar uma equipe da Secretaria do Verde.

Diante disso, a secretária propõe um Requerimento de Informação de caráter bastante geral sobre essa questão, com o seguinte conteúdo: *solicitamos o conserto urgente de um vazamento de água no Parque da Aclimação que já dura mais de um ano. Esse vazamento cria um pequeno lago em meio ao bosque de eucaliptos, tornando o solo ainda mais úmido e aumentando o risco de queda de árvores. Além disso, a água muitas vezes escorre até a pista de asfalto e acaba contribuindo, quando há chuvas mais fortes, para o alagamento da região dos banheiros próximos ao Portão 3 do parque. Apelamos à Secretaria do Verde e do Meio Ambiente para que tome as devidas providências para resolver o problema.*

O Requerimento de Informação é aprovado por unanimidade.

4. Questões de Manejo e Limpeza

A secretária propõe um Requerimento de Informação sobre a questão do atendimento aos animais silvestres, e passa a ler o texto para a aprovação dos demais:

Segundo a Lei nº 17.703, de 3 de novembro de 2021, em seu Art. 1º, “É responsabilidade do Poder Público Municipal zelar pela flora e fauna local e migratória do Município de São Paulo, compreendida pelos animais domésticos de pequeno e grande porte e animais silvestres, nativos ou exóticos”. A portaria nº 14, de 14 de abril de 2021, da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, que adota normas, procedimentos e rotinas para a administração dos Parques Lineares e Parques Urbanos, por sua vez, diz, no parágrafo III do Art. 6º, que esses parques devem “encaminhar à DFS animais silvestres doentes ou mortos”.

Entretanto, quando encontramos um animal ferido no Parque da Aclimação, chamamos a Divisão de Fauna Silvestre e esta diz que irá acionar a Guarda Civil Metropolitana Ambiental (GCM Ambiental), mas a GCM leva vários dias para comparecer ao parque ou simplesmente não comparece. Além disso, o animal precisa ser capturado antes para ser levado pela GCM Ambiental, mas não temos, em nosso parque, pessoal especializado nem equipamento para capturar os animais silvestres.

Quando o animal silvestre morre no parque, o procedimento correto, pelo que nos dizem os gestores e conselheiros mais antigos, seria chamar a Divisão de Fauna Silvestre, que faria uma necropsia caso o considerasse necessário e, ao final, encaminharia o corpo do animal para incineração. No entanto não é isso o que tem ocorrido ultimamente. Ao entrarmos em contato com a Divisão de Fauna, esta não tem procurado se informar de modo mais profundo a respeito das causas da morte do animal com alguém especializado; responde que não pode recolher o animal e recomenda que este seja “descartado” — jogado no lixo ou enterrado no parque. Consideramos que esse não é o modo adequado de lidarmos com os animais mortos. Estes podem apresentar

doenças e não deveriam ser enterrados no parque sem necropsia, já que essas doenças podem permanecer no solo e penetrar no lençol freático. Além disso, em nosso parque as crianças costumam brincar no solo, correndo o risco de contaminação por algum animal doente enterrado. O fato de nosso parque possuir um lago torna a situação ainda pior, envolvendo ainda mais riscos referentes ao lençol freático e, conseqüentemente, à saúde humana. Jogar o animal morto no lixo também não nos parece um procedimento recomendável em termos de higiene e saúde pública, sendo, inclusive, considerado crime passível de punição.

Deste modo, solicitamos informações sobre o procedimento correto a ser adotado no caso de animais silvestres feridos ou mortos, para que este Conselho Gestor possa cumprir com suas atribuições. Gostaríamos, por fim, de sugerir a formação de uma brigada especializada em resgate de animais para efetuar a captura dos animais feridos ou doentes nos parques ou, em caráter emergencial, o fornecimento do equipamento adequado e treinamento de funcionários nos parques para efetuar o resgate dos animais.

O texto é aprovado por unanimidade.

Rosângela pergunta se teremos o protocolo de que o Conselho encaminhou esses Requerimentos de Informação. Cláudia responde que pode olhar pelo SEI se o Requerimento foi enviado. Rosângela insiste em que precisamos ter um retorno de que o documento foi recebido. Cláudia diz que, se for para o SEI e não for respondido logo, pode cobrar da DGPU.

Entrando em outras questões referentes à limpeza, Paulo menciona o problema das lixeiras que, nos fins de semana, ficam lotadas já na hora do almoço e no período da tarde transbordam. Além disso, o papel higiênico, as toalhas de papel e o sabão são colocados nos banheiros só no início do dia; no fim da tarde já não há mais, e os frequentadores reclamam.

Juca responde primeiramente sobre o papel: quando os banheiristas veem que está acabando, já deveriam solicitar. É um erro deles, porque papel não falta, a não ser em dias especiais, como no fim de semana da corrida infantil, que havia seis mil pessoas no parque, e aí foi necessário pedir papel emprestado para o Estádio Municipal Jack Marin, que é da Secretaria de Esportes. Com relação às lixeiras, o esvaziamento também cabe aos banheiristas. Juca vai pedir que façam uma escala para resolver esse problema.

Paulo menciona outro problema: na última sexta-feira, quando foram feitas algumas supressões de árvores, foram deixados muitos pedaços de madeira no solo durante o fim de semana. Sugere que, se vão suprimir e não dá para retirar no mesmo dia, melhor não fazer isso no fim de semana, porque o usuário que vem só nos fins de semana pode ficar com a impressão de que esse é o estado normal do Parque.

Juca diz que é a primeira vez que acontece isso, porque foram removidas dez árvores na quinta-feira e não foi possível retirar todos os restos de madeira.

Paulo reclama que foram suprimidas dez árvores, mas não foram ainda enviadas as mudas para o plantio compensatório. Juca diz que vai falar com o pessoal do manejo sobre isso.

A secretária aborda então a questão dos caramujos, lendo a troca de informações com o Vinicius referente ao assunto:

Pergunta: Chegou a conversar sobre a remoção dos caramujos com a Zoonoses ou alguém da Secretaria Municipal de Saúde? A limpeza está sendo feita pelos funcionários de manejo, mas é muito demorada e “rouba” muito tempo dos funcionários.

Resposta: Sobre a infestação de caramujos, a Mônica, que é coordenadora municipal do Programa Ambientes Verdes e Saudáveis (PAVS), se ofereceu de mediar uma relação com a Coordenação de Vigilância em Saúde (COVISA) por estar dentro da Saúde também, para nos dar uma força. Eu passei essa demanda pra ela. Ela foi lá na própria COVISA tentar conseguir alguma resposta, aí

chegou esta semana a resposta do laudo dos caramujos, indicando as espécies e que não havia patologia.

A conselheira Rosângela interrompe para dizer que isso foi discutido na reunião do Conselho Participativo Municipal da Sé (CPM-Sé) com o pessoal da Subprefeitura da Sé, que abriu o laudo ali na hora e disse que havia problemas de contágio que podem chegar até a morte.

Cláudia explica que em seguida, na conversa com ela, o Vinicius releu o laudo e esclareceu que não foram encontrados trematódeos, mas que a análise sobre *Metastrongylidae* foi remetida a outro laboratório. Cláudia diz que, portanto, não havia uma resposta sobre isso, então, no seu entender, não se pode dizer que “não há patologia”.

Paulo comenta que, mesmo que esses caramujos não tenham a doença, continuam sendo vetores da doença, então podem vir a tê-la no futuro.

Cláudia acrescenta que o fato de ser um caramujo nativo e não o africano não isenta o caramujo de problemas, porque o aruá também pode transmitir várias doenças e, em alguns aspectos, causa mais problemas do que o africano.

A secretária continua lendo a resposta do Vinicius:

Aí o que acontece, qual é o próximo passo? A minha posição é que a gente tem que fazer o controle manual com a nossa equipe de manejo, que é assim que funciona em todo parque que tem infestação, e eu duvido muito que a Zoonoses vá fazer para a gente, que eles tenham pessoal para fazer isso. Inclusive, além do laudo, que já veio, as outras duas coisas que eu queria com a Zoonoses era pedir para eles não só um laudo, mas um parecer geral, orientações de controle, etc. E a questão de falar de fato os riscos para o parque, para os trabalhadores, para todo mundo. Eu queria esses dois pareceres deles. Por enquanto só consegui o laudo. Mas, com tudo isso em mãos, eu preciso convencer duas partes, a nossa área técnica que cuida do manejo do parque, que acha que é a Zoonoses que tem de resolver isso, e a área que é da própria empresa, que tem receio de colocar o funcionário para fazer o controle do caramujo e o funcionário processar. Essas são as preocupações das duas áreas, e eu preciso estar com tudo muito bem amarradinho para sentar com todo mundo e tentar chegar num consenso. Vou marcar uma reunião com a área técnica, com a gestão do parque e com a empresa.

O gestor Juca comenta, com relação a Zoonoses, que, quando foi encontrada uma colmeia na região do P2 (segundo portão da rua Muniz de Souza), no mesmo dia ele entrou em contato com a Zoonoses. Eles vieram agora, dois meses depois. Qualquer coisa que se peça para a Zoonoses eles dão um prazo de sessenta dias.

A secretária continua lendo a resposta do Vinicius:

Encontrei até uma portaria, mas não tive tempo de ler com calma, que fala sobre isso: que quem é responsável em caso de infestação de caramujo em parque é a Secretaria do Verde. Achei essa portaria porque tivemos um caso de suspeita em outro parque, e aí veio essa resposta da própria Zoonoses nesse outro parque. Tudo isso eu vou levar na reunião para resolvermos.

Nós recebemos convite para participar do Conselho Participativo da Sé no dia 28 sobre essa mesma pauta, dos caramujos. Acho ruim ficar repetindo a mesma pauta em duas instâncias diferentes. Acho que o Conselho Gestor do Parque já está aí para isso, óbvio que se o Conselho Participativo da Sé está de fato preocupado com esse assunto, a gente tem que participar, mas eu acho ruim porque eu não posso perder tempo de ação. Preciso agora centrar meu esforço em conseguir essa reunião entre todos para a próxima semana, antes da reunião do Conselho Participativo. E para a reunião do Conselho Participativo eu acho também que tem que chamar a Zoonoses pra roda de conversa.

Rosângela diz que não acha ruim (a mesma pauta ser tratada em duas instâncias diferentes). Que não se trata de participar da reunião, mas de resolver a questão. Porque, na reunião dos conselheiros com Vinicius na Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, quando apresentamos uma lista de demandas, inclusive o problema da falta de funcionários para lidar com os caramujos, o Vinicius nos devolveu a bola em cada item colocado, alegando que “temos muitos parques; os outros parques têm muitos problemas”. Em nenhum momento ele disse “esse assunto nós vamos encaminhar para a Secretaria do Verde para resolver”. Rosângela relata que o sr. Arruda, ao ver qual era a espécie de caramujo, disse que era muito agressivo para a saúde humana e que não só os frequentadores, como todos os funcionários estão expostos a isso. Foi tirada uma linha de fazer um encaminhamento para a Secretaria do Verde convocando a própria Sub-Sé, SABESP, CETESB, COVISA, Zoonoses e Pedro Algodal. O ofício foi enviado para a SVMA. Todos estão sendo acionados para uma conversa, mas é uma conversa de trabalho, para a resolução do problema, porque o caramujo é contagioso. Foi levantada a escassez de mão de obra no Parque da Aclimação e os problemas de insalubridade do prédio da administração, falta de salas etc. Eles estão preocupados, sim. Essa reunião está convocada.

A secretária relata que o Vinicius está pedindo para adiar essa reunião, porque quer antes ter aquela conversa com a equipe técnica, a Potenza e a administração do Parque. Cláudia opina que os conselheiros deveriam participar dessa reunião.

O gestor Juca informa que a reunião será na quinta-feira dia 28 à tarde, provavelmente às 14h. Rosângela diz que será véspera da Semana Santa e que já está com a passagem comprada para viajar nesse dia, portanto não poderá comparecer. Várias conselheiras dizem que estarão trabalhando nesse horário. Cláudia diz que, nesse caso, talvez fosse melhor adiar mesmo.

Passando para outra questão que foi levada ao Vinicius, a secretária lê a resposta do coordenador da DGPU sobre a possibilidade de se fazer a limpeza e a iluminação da cancha de bocha enquanto não se faz a reforma.

Resposta: O posicionamento que recebi da empresa é que o serviço oferece risco para os trabalhadores da limpeza. Mais para a frente talvez a base de manutenção possa ajudar, fazendo o escoramento. Depois do escoramento talvez seja possível fazer a limpeza.

Paulo protesta que é óbvio que não sugerimos que o pessoal da limpeza do Parque fizesse esse trabalho. Que tirar os entulhos de lá é responsabilidade da SVMA.

Juca informa que tem muro caindo lá, muitas vigas caindo também.

A secretária comenta que não queremos que nada caia na cabeça de um trabalhador, nem do Parque, nem da base, então o escoramento é uma medida importante. O problema é quando.

A conselheira Maria Rosa pergunta sobre a nossa sugestão de iluminação do local.

Cláudia responde que Vinicius se esqueceu de discutir o problema com a base de manutenção e se comprometeu a levantar a questão na próxima reunião.

Paulo esclarece que o pedido de limpeza e iluminação não seria para o local ser utilizado, mas apenas uma medida de segurança e higiene, para evitar a proliferação de insetos, escorpiões, etc.

Vários conselheiros se mostram desapontados com a falta de resolução dos problemas por parte da DGPU.

5. Perguntas e sugestões de frequentadores

Não havendo frequentadores presentes, esse ponto foi cancelado.

6. Pauta da próxima reunião

Os presentes decidem manter os mesmos itens da reunião atual, com exceção do ponto sobre os gatos, e acrescentar um ponto sobre “questões de manutenção”.

7. Encaminhamentos:

1. Enviar Requerimento de Informação sobre a situação do(s) processo(s) referentes à posse do terreno invadido da rua Pedra Azul, 200 (responsável: Cláudia);
2. Pesquisa na Internet sobre parque em que os invasores foram retirados — como foi o processo (responsáveis: Ana Cláudia e Paulo);
3. Aprovados seis pontos considerados fundamentais para o cuidado dos gatos que estão no Parque da Aclimação (listados acima);
4. Enviar Requerimento de Informação sobre o vazamento de água no bosque dos eucaliptos (responsável: Cláudia);
5. Enviar Requerimento de Informação sobre o atendimento aos animais silvestres no Parque da Aclimação (responsável: Cláudia);
6. Conversar com os banheiristas para resolver o problema das lixeiras que transbordam e da falta de papel higiênico, toalha e sabão nos banheiros nos fins de semana (responsável: administração);
7. Comparecer à próxima reunião convocada pelo Conselho Participativo da Sé que vai discutir questões referentes ao Parque da Aclimação (responsáveis: conselheiros);

Nada mais havendo a tratar, a primeira secretária do Conselho Gestor, Cláudia Santana Martins, encerrou os trabalhos da 9ª Reunião Ordinária do Conselho Gestor do Parque (Mandato 2023-2025).

São Paulo, 8 de abril de 2024

CLAUDIA SANTANA MARTINS
Secretária do Conselho Gestor

Conferência:

ARMANDO GUERRA JUNIOR
Gestor do Parque da Aclimação
Coordenador do Conselho Gestor